

ENTREVISTA

Danielle Mitterrand

“Não fui só uma sombra de Mitterrand”

Ex-primeira-dama da França diz que defende os direitos humanos com teimosia e que sempre sabe bater na porta certa

OIAPOQUE, Amapá. Quando era primeira-dama da França, Danielle Mitterrand, já costumava trocar a pompa e a formalidade dos palácios por viagens a cidades poeirentas do Terceiro Mundo, muitas vezes enfrentando riscos pessoais, para defender a causa dos direitos humanos. Em

1992, escapou de um atentado no Norte do Iraque, quando visitava a minoria curda. A morte em janeiro do marido — o ex-presidente François Mitterrand — não reduziu sua militância. Antes de chegar ao Brasil esteve em Chiapas, na selva mexicana, onde se encontrou com os rebeldes zapa-

tistas, e em Cuba. Danielle esteve ontem em Oiapoque, no estado do Amapá, para visitar a aldeia Manga, dos índios galibi. Em entrevista ao GLOBO, ela afirmou que os índios são as vítimas mais indefesas de uma grande tragédia e que o mundo civilizado deve muito aos povos indígenas.

Alessandro Porro

Enviado especial

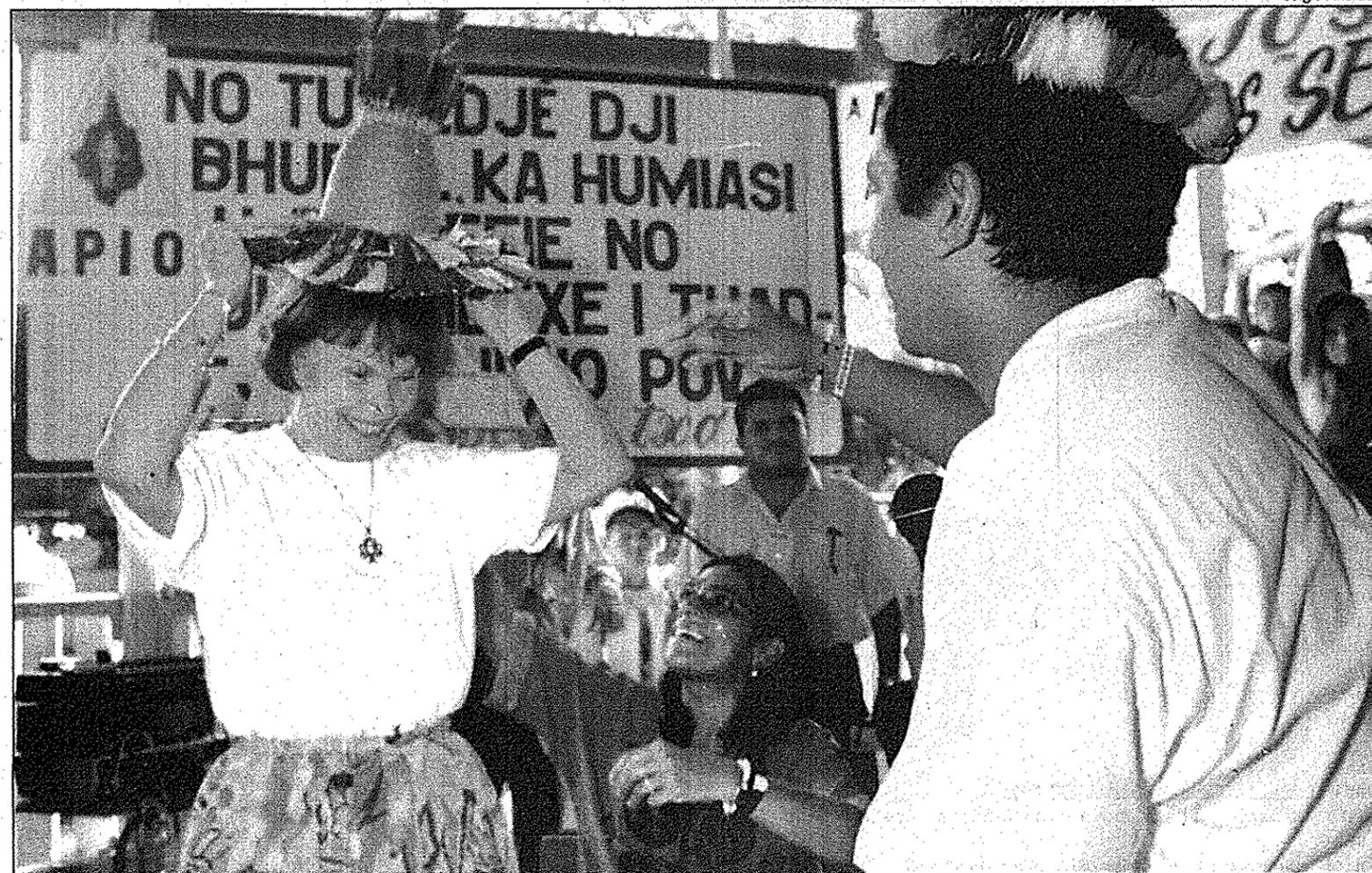
O GLOBO: A senhora prometeu aos índios do Oiapoque fazer de tudo para que suas reivindicações sejam atendidas. Quais são as armas que a fundação France-Libertés possui para ajudar as vítimas de todas as injustiças da Terra?

DANIELLE MITTERRAND: Não diria que se trata de armas. Eu detesto guerras. É melhor falar em bons contatos com todos os líderes e na minha capacidade de achar sempre a pessoa ou a organização certa para resolver, ou tentar resolver, os problemas que me apresentam. Muitas vezes não são problemas que são apresentados para mim, são verdadeiros dramas. E nestes casos, minha insistência, minha determinação e minha teimosia são maiores. Eu sempre sei em que porta bater.

O GLOBO: A fundação France-Libertés foi criada em 1981. A senhora acredita que de lá para cá a situação dos direitos humanos no mundo tenha apresentado melhoras ou piorado?

DANIELLE: Não é possível quantificar ou dizer que as coisas melhoraram ou pioraram. Enquanto aqui se apaga um fogo, lá está nascendo outro. Problemas minimizam-se enquanto outros vão se transformando em verdadeiras tragédias. Para a fundação France-Libertés, o trabalho nunca acaba. E a vigilância é persistente e sempre mais atenta.

O GLOBO: Quais os problemas mundiais da atualidade que a senhora considera como sendo os mais graves?



DANIELLE MITTERRAND experimenta o cocar que recebeu de presente do cacique João, à direita, durante visita à aldeia indígena de Manga, no Oiapoque

DANIELLE: Minha agenda está sempre aberta na página da atualidade. Não gosto de divagar ou filosofar sobre este assunto. E, para minha fundação, atualmente o problema mais grave é o problema dos índios. Não falo somente dos moradores desta aldeia, mas dos índios que habitam a Colômbia, a Guatemala, o Equador, os

Estados Unidos. O mundo assim chamado civilizado deve muito, muitíssimo, a esses seres humanos. São pessoas das quais terra, cultura e tradições foram usurpadas e que hoje continuam a ser castigadas, ameaçadas. O assim chamado mundo civilizado continua querendo que estas pessoas vivam cada vez mais submissas e

cada vez mais pobres. Minha luta é para dar a estas vítimas algo mais, para dar-lhes de volta a sua dignidade.

O GLOBO: Antes de vir para o Brasil a senhora esteve em Havana. A senhora poderia analisar a situação vivida por Cuba atualmente?

DANIELLE: Não posso e não quero,

porque estou no Brasil, no Brasil das vítimas indígenas. Sobre Cuba poderia se dizer tudo o que o senhor gostaria de ouvir de mim. Mas não se pode esquecer um ponto que considero importantíssimo, o de que os cubanos vivem com dignidade, coisa que não acontece em muitos países assim chamados democráticos.

O GLOBO: Depois da morte do ex-presidente Mitterrand, alguma coisa mudou em sua militância?

DANIELLE: Já disse muitas vezes e sempre me obrigam a repetir a mesma coisa. Vivi com orgulho e amor ao lado de um homem de grande personalidade. Vivi ao lado de uma figura que já faz parte de nossa história. Mas eu não fui apenas uma sombra de Mitterrand. Sempre tive e continuo a ter minha própria personalidade, minhas próprias idéias. Sempre encontrei minhas missões para cumprir, um dia após o outro. Se alguma coisa mudou depois de sua morte foi, talvez, o significado que tem hoje cada um dos resultados obtidos pela fundação. Atualmente, cada vitória da organização France-Libertés é uma vitória que eu dedico à memória de um grande homem.

O GLOBO: Algo a magoou na cobertura que os meios de comunicação fizeram da morte do ex-presidente Mitterrand?

DANIELLE: Magoa é uma palavra que não frequenta meu dicionário. Mas não tenho como responder esta pergunta, porque não leio a assim chamada imprensa de informação. Apenas ouço as notícias que as emissoras de rádio transmitem. E se fico magoada é com o que acontece atualmente no mundo.

O GLOBO: Dizem que a senhora lembra o presidente Mitterrand em sua maneira agir, falar, responder. A senhora acha que é verdade?

DANIELLE: Não sei quem diz isso, nunca ouvi. Mas se fosse verdade ficaria muito satisfeita e muito orgulhosa.

Sérgio Andrade